



TRIBUNA DE COIMBRA

Rosto lavado

ONTEM foi domingo. A Fátima veio visitar dois que são dela e nossos, há dois anos, precisamente. O domingo é um dia diferente. A diferença nasce do próprio mistério celebrado e por nós vivido. Como faz pena saber que há Baptizados que já não distinguem o Dia dos demais nem celebram a sua abissal diferença!

Pois nós celebramos e saboreamos o dom dominical. E, talvez, porque somos uma Casa devotada aos mais pobres, à nossa porta se venham também sentar os ricos desejosos de entrever o Mistério. Foi assim ontem e tem sido nos demais.

Como já disse, a Fátima é mãe de dois nossos. Apareceu com um rosto «lavado». Trazia nele a força da Ressurreição. Força medida por mãos certas e corações samaritanos; também eles ressuscitados. Sim, que a Ressurreição não é energia etérea mas compromisso com Cristo na Caridade.

Aquelas irmãs começaram por lhe limpar do corpo o luto de um casamento doloroso, que só a morte rompeu.

Foi há três meses que acompanhei o António, de fígado roído, à sepultura. Foi também nessa ocasião que percebi a solidão em que ficara mergulhada. Foi também nessa altura que algumas pessoas daquela terra choraram a própria omissão e prometeram ajudar, a começar pelo prior.

De mãos dadas foi um alindar do rosto. A preocupação fundamental: que ela recuperasse a sua dignidade de

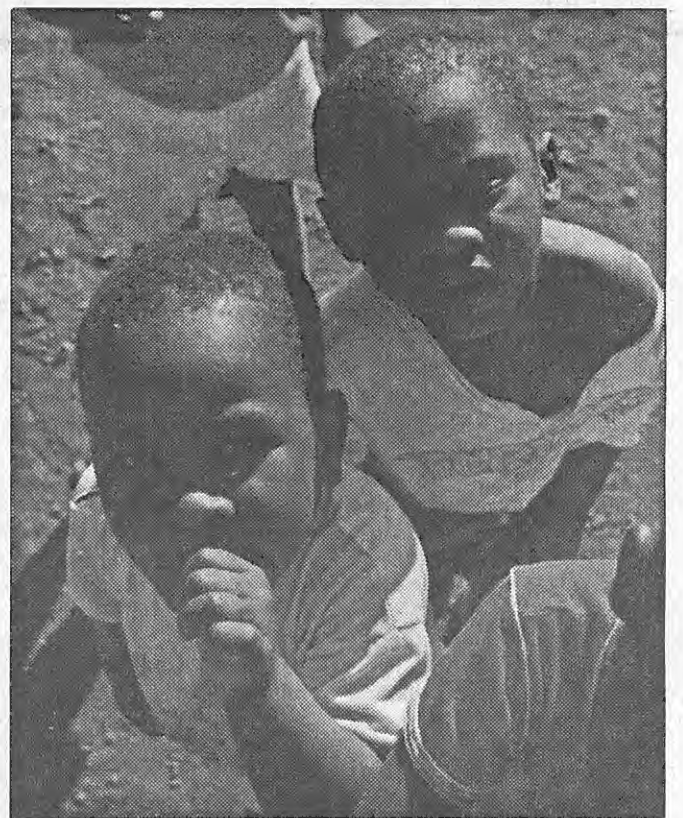
mulher. Abriam-se perspectivas; bateu-se a várias portas. Uma comunidade irmã acolheu-a dando novo vigor ao seu carisma e atraindo a si a protecção do Céu. Desejávamos afugentar o passado tenebroso e pôr cobro ao temor de que outra cova se viesse abrir.

Maria de Fátima apareceu ontem de rosto «lavado» e a cheirar a Páscoa. Era domingo. Falou-me com entusiasmo do seu emprego novo e da sua responsabilidade nele; da 4.ª classe que vai jubilosamente concluir; da amizade que experimenta na casa que a acolheu; e, voltando-se para os seus e meus pequeninos, enquanto os envolve carinhosamente, como num sonho, segreda: «*Um dia havemos de acabar a nossa casa...*»

Ouçó com frequência e com alguma confusão interior também, a muitos amigos, dizer que O GAIATO desse-denta a alma. É verdade!

Quando presenciei a despedida da Fátima dos seus pequenitos, recordei esta parte da sua história que em tão feliz hora conheci e acompanhei: o esforço empreendido, a sua resposta tão positiva e feliz, a sua dignidade de mulher recuperada, as pessoas comprometidas com a sua felicidade. Eu experimentei o mesmo e por isso aqui o testemunho.

Padre João



Estes dois «Batatinhas», com ar tão gaiato, dão notícia — pela sua imagem — da Casa do Gaiato de Moçambique.

Património dos Pobres

Por terras da Beira Baixa

FOI o dia todo por terras da Beira Baixa. A primeira paragem foi na sede de concelho, mártir pelos fogos que têm consumido os seus pinhais — a grande riqueza do seu povo. Visitámos o Internato de meninos abandonados que irmão enfermeiro fundou e a ele tem dedicado

«Dêem-nos uma casinha nova» — pedia aquela mãe aflita.

toda a sua vida. Homem de obras e não só de palavras, como a maior parte dos funcionários de instituições sociais. Parece-nos que passam a vida a passear.

Depois fomos ao encontro do pároco. Traz na cabeça e no coração muitas aflições de casais novos que começaram a construir sua casinha e sentem-se incapazes de torná-la habitável. Desabafou-nos que ainda há dias veio um ao seu encontro e chorou: — *Senhor*

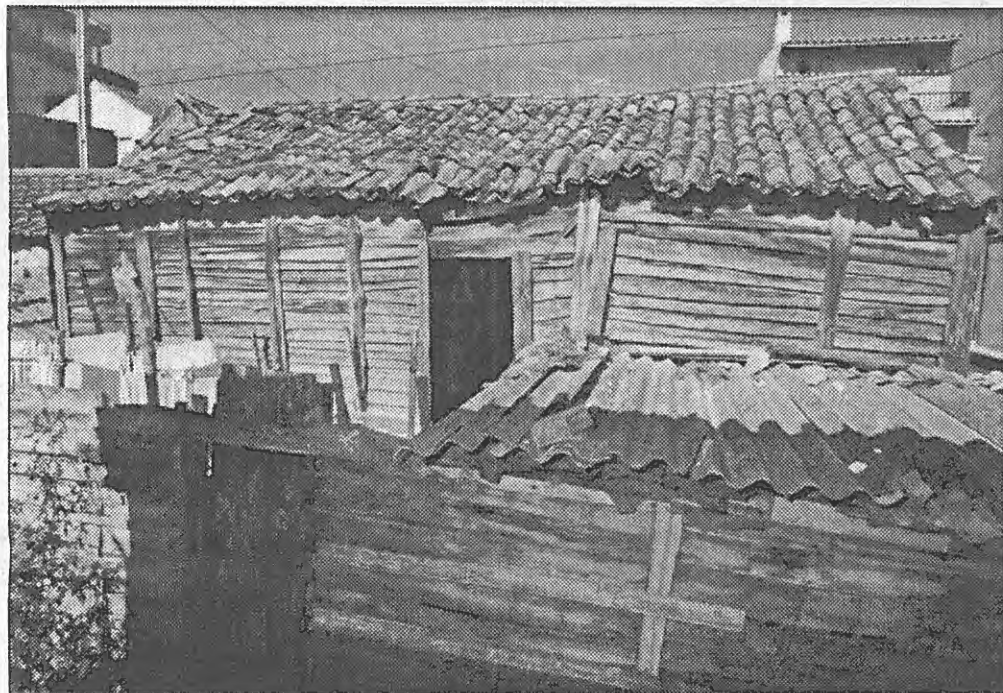
prior, disseram-me que tem conseguido ajuda para alguns. Comecei a minha casinha e não sou capaz de a pôr em condições de nos metermos lá dentro. Só trabalho alguns dias na estrada, tenho os filhos pequeninos e minha mulher é doente e não pode trabalhar. Deixámos-lhe uma palavra de confiança e partimos.

Fomos para cidade vizinha e um casal muito amigo ofereceu-nos almoço. Dali parti-

mos para povoação perto a ver um rapaz que criámos e que é empregado naquela terra. Foi um abraço de anos de saudades. Ele foi registado só com o nome de António e os pais nunca apareceram nestes cinquenta e tantos anos que ele já tem. Nunca encontrou ninguém de família.

Novamente à estrada fomos parar ao Alentejo à procura de um pequeno de onze anos que dias antes nos havia

Continua na página 4



Tema quente

A segurança é tema quente e arma com que os políticos se entretiveram no seu último gládio eleitoral. No pequenino escrito da última quinzena, que o Júlio Mendes intitulou «vítimas de crimes impunes», abordei exactamente uma das fontes da insegurança que a todos ameaça: A geração instintiva e irresponsável de crianças sem que qualquer força da área da Segurança Social, da Justiça, ou da Administração Interna, possa avaliar e obrigar os progenitores (se capazes!) a assu-

mirem as suas obrigações. Podemos dizer, pelo que vemos e observamos todos os dias, nesta missão de dar paternidade aos dela carentes, que tudo é uma balda.

Regra geral os responsáveis e os agentes das três áreas mais importantes da segurança dos indivíduos só agem se os seus interesses ou a sua carreira estiverem em jogo. A ordem, a paz social e cívica, bem como a segurança constroem-se, dezenas de anos,

antes de se gozarem os seus frutos.

Calcorreei mais de duzentos quilómetros em busca de um menino para dar a um casal sem filhos.

Uma criança de dois anos entregue à bisavó de oitenta e dois, com progenitor preso e mãe a trabalhar(?) numa *boíte*, vindo a casa para dormir uma ou duas vezes por semana.

Na miserável habitação viviam o avô e as

tias, que encontrei alcoolizados, a bisavó e três bisnetos.

A velhinha, com um derrame cerebral, pareceu-me ser, no meio daquele desequilíbrio humano, quem aguentava o barco.

Com a senhora Professora — *uma Mulher Grande* — intei-rei-me da situação e ouvi o desabafo dorido da bisavó: — *O menino, de noite, sai da sua cama e vem para a minha.*

O Tribunal era ali mesmo ao pé. Acompanhava-nos uma pessoa com conhecimentos no dito. Falámos com a Curadora de Meno-

Continua na página 4

SETÚBAL

Conferência de Paço de Sousa

SUBSÍDIO ESCOLAR — Há muitos anos que, no princípio de cada um, sofrem os mais pobres — no Ensino Secundário — por falta de material didáctico.

Concretamente, famílias que requereram subsídio para o efeito e nunca sabem quando lho será concedido.

As aulas avançam, não se compadece com falhas do próprio Estado — e os Pobres sofrem, repetimos. Vale a pena repetir!

Na roda a que prestamos auxílio, houve pais de mão estendida pelo caso vertente. Já demos a mão a jovens bem encaminhados no estudo. Não importa se mais ou menos inteligentes. Mas têm vontade, um QI normal.

«Eles demoram a dar subsídio... e os alunos não podem perder as aulas» — acentua a mãe.

Obviamente, suprimos. Neste campo, porém, as entidades respectivas têm obrigação de aliviar os Pobres; de fazerem o bem, bem feito.

Curiosamente, esta queixa vem também hoje referida num matutino de grande circulação, em secção virada para quem precisa!

PARTILHA — Cheque de dezasse mil escudos, da assinante 31254, «sendo dez mil para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, destinados a medicamentos e o restante é a migalha do mês de Outubro. Agradeço o anonimato». Um pensamento de Sidney Smith, no topo da missiva: «Muitos talentos se perdem por falta de um pouco de coragem».

Cête: dois mil, de senhora amiga. Mil, dum(a) anónimo(a), deixados no Lar do Gaiato do Porto em pequeno sobrescrito.

«Mais uma pequenina gota (2.000\$00), destinada consoante melhor entenderem». É da assinante 23207, de Lisboa — «Mãe que crê em Deus».

A assinante 28503, do Porto, regulariza a assinatura d'O GAIATO e deixa o resto e mais outros mil, «que me foram entregues por pessoa amiga».

Retalhos de vida

O «NHANHA»



Eu chamo-me Paulo Jorge Dias Machado.

Vim para a Casa do Gaiato porque o meu pai abandonou-me aos 10 anos. Fiquei dois anos a dormir

para a Conferência. Remata: «Desculpai o atraso, pois costume pôr tudo isso em ordem no mês de Agosto».

Coimbra: 15.000\$00 da assinante 9708, «talvez para medicamentos. Agora, parte deles não têm participação». É presença habitual, sobressaindo esta divisa em sua carta: «O trabalho descansa se é feito com amor».

Oliveira do Douro (V. N. Gaia): fecha a coluna o assinante 9790 com «pequenina ajuda» (6.000\$00), perorando «uma oração ao Senhor para que nos ajude a sabermos agradecer e respeitar toda a vida humana, obra das Suas divinas Mãos».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Os trolhas ainda estão a arranjar o salão. E quatro pedreiros andam ocupados nos muros dos campos, na mata.

PADRE MANUEL ANTÓNIO — Está, por cá, em merecidas férias. Em Benguela ficou a substituí-lo o nosso Padre Júlio, que já deu descanso, também, ao nosso Padre Telmo.

LIMPEZA — Melhorou um pouco mais a limpeza doméstica, com a orientação duma senhora. A gente não estávamos habituados ao arrumo das coisas e à própria limpeza, quando andávamos por lá, e com as indicações dela fazemos melhor.

VERÃO DE S. MARTINHO — Tem sido um festival de sol, neste Verão de S. Martinho. As manhãs são frescas, mas, à tarde, o sol queima!

José Manuel «Pepino»

CONVÍVIO — No dia 15 de Outubro, recebemos um grupo de jovens de Melres, que participou em nossa Missa e substituiu os nossos cantores.

À tarde, fizeram um jogo de futebol com os nossos seniores. Depois do jogo houve um magusto que nos ofereceram.

Muito obrigado pelo convívio e pela visita. Apareçam sempre.

Rui Manuel Gonçalves

FUTEBOL — No dia 7 de Outubro, defrontámos uma equipa da empresa Maia-Douro. Resultado final: 14-0, a nosso favor.

Domingo, 8 de Outubro, recebemos os «Dragões Valboenses», de Valbom. Um jogo muito competitivo. Empatámos 2-2.

No dia 14 os juvenis defrontaram o Grupo Desportivo Amigos da Saudade (Mouriz - Paredes). Os nossos não conseguiram resistir à pesada derrota por 6-3. Uma equipa com muito bons jogadores que conseguiram impor, à nossa, a segunda derrota; e o mais importante é que ambas foram dessa equipa: a primeira, em nosso terreno, por 2-4; a segunda por 6-3 no terreno deles.

No final do encontro houve uma merenda oferecida pelos da casa. Agradecemos pelo convívio que nos proporcionaram. Fizemos mais amigos!

No dia 15, foi a vez dos seniores realizarem dois encontros consecutivos. O primeiro, contra uma equipa de Melres.

Vencemos por 5-0. O segundo, contra a equipa do Grupo Desportivo Casa Arrabita de Valbom. Empatámos 3-3. Só há a lamentar, no segundo jogo, que o árbitro adquirido pelo adversário tenha influenciado o resultado contra o nosso grupo.

Pedimos desculpa e lamentamos um desvio que houve no balneário do adversário.

O nosso Grupo Desportivo está com falta de material desportivo: chuteiras, bolas, etc. Caso haja alguém que nos queira ajudar, agradecemos.

Daniel («Cenoura»)

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — São muitas, mas cá vão andando. As bancadas do campo estão quase prontas. O muro da rua dos balancés está quase pronto, também. O nosso salão de festas já não está com o tecto, mas com as vigas e poucas paredes com muitos buracos e bem grandes. Alguns deles foram abertos para os pilares da escola que será maior. Esperamos que fique bonita.

CRISMA — Alguns companheiros serão crismados no dia 22 de Outubro. Claro, virá cá o Bispo de Coimbra — Senhor D. João. Prevemos uma Festa alegre.

CARAS NOVAS — Recebemos, com muito carinho, três caras novas: Rui Manuel, de Abrantes; Alexandre, de perto do Porto; David, da Covilhã.

AGRICULTURA — Semeámos a erva lameira para o gado, daqui a uns meses, a comer. É sempre boa e dá bom e muito leite às nossas vacas.

Rui «Pequeno»

MALANJE

ESCOLA — O ano lectivo 94/95 terminou bem, graças a Deus que sempre nos tem acompanhado. Os nossos rapazes, do I nível assim como os do II e III níveis, que frequentam as Escolas da cidade, estão já de férias a darem maior contributo nas várias actividades quotidianas do nosso dia-a-dia, que não têm sido possíveis em tempo de aulas. Na sua maioria ficaram todos bem; para todos eles os meus parabéns, assim como aos professores que com amor e dedicação deram o seu maior contributo. Para os poucos que ficaram mal faço votos que o próximo ano académico seja melhor e se esforcem mais.

Temos, em plano, e estamos preocupados, para que o II ciclo funcione já no próximo ano lectivo de 1995/96, em nossa Casa. Para tal os nossos operários e alguns estudantes estão empenhados na reparação de mais três salas de aulas no antigo salão de jogos e música, para facilitar o seu funcionamento. O tecto está reparado, as portas e janelas colocadas, as salas pintadas e a parte eléctrica operacional. Temos agora o problema, apenas, de algum material didáctico-pedagógico; principalmente, quadros e dicionários.

Esperamos que todos compartilhem com muito carinho e amor para o aumento do nível cultural e científico das nossas crianças... parte integrante desta sociedade que carece de tudo, de todos, para o desenvolvimento e bem-estar dos seus habitantes.

Professor «Estel»



Dia de limpeza na Casa do Gaiato de Malanje

TOJAL

VISITAS — Temos recebido muitas! No entanto, sem desfazer, daqueles que nos visitam, há duas que merecem saliência especial: a do nosso Padre Telmo e do Padre Manuel António. Foram, sem dúvida alguma, as que mais despertaram os nossos rapazes.

Ambos vieram de África. E, com eles, trouxeram a imagem vivida durante os últimos anos em terras africanas (Benguela e Malanje). Durante o tempo que

lá residem, estes nossos Padres viram de tudo. A tragédia que aquele povo passou e passa é tão grande, que o nosso Padre Manuel António nos disse:

«O que aquele povo vive é desumano! É uma vida bárbara! Por aqui, podem imaginar o que sofre aquela gente».

Com esse desabafo o nosso refeiteiro ficou silencioso durante alguns momentos.

Porém, ultimamente, as coisas têm sido mais calmas e agradáveis.

Que a paz chegue àquele povo, são os votos de todos os gaiatos. De modo que, um dia, possamos todos juntos ver concretizado o sonho do nosso sempre querido Pai Américo (o funcionamento das nossas Casas em África).

FÉRIAS — São sempre bemvindas! Que o digam os nossos rapazes.

Depois de um ano bastante atarefado e, tendo a casa «arrumada», o nosso Padre Cristóvão resolveu, e bem, tirar uns dias para descansar.

Se ao fim de um ano de trabalho nós precisamos de férias, quanto mais um homem que governa uma família tão vasta como a nossa!

Os rapazes desejam-lhe umas férias bastante tranquilas, de modo que, no seu regresso, traga consigo mais força, coragem e saúde. De modo que possa dirigir, com êxito, a nossa Casa.

Óptimas e maravilhosas mini-férias são os votos dos rapazes.

OFICINAS — Com o início das aulas, as oficinas reabriram para mais um ano de trabalho.

Agora, ficamos à espera das encomendas dos nossos clientes.

PASSO A PASSO

Malanje

ESTÁ chegando ao fim uma quinzena cheia de problemas. Foram diversas manifestações de paludismo que a quase ninguém poupou cá em Casa.

Para cada caso se aplicou a solução possível. A maioria ficou internada numa das casas desta nossa Aldeia, transformada em Hospital. Os casos mais difíceis, três deles, necessitaram de internamento no Hospital da cidade.

No tratamento de todos os casos uma dificuldade comum: A obtenção dos medicamentos. Houve que recorrer à compra de parte deles na farmácia, escassos e caros, e ao pedido às várias comunidades religiosas. Aqui, a grande *porta de salvação*, expressão que se deve levar à letra. Não há dúvida que a imensa maioria da população, pobre, sem recursos, encontra junto delas a única ajuda para adquirir os remédios necessários para resolver os grandes problemas de saúde que por aqui se vão vivendo.

Em relação aos internados no Hospital da cidade, outra necessidade cresceu: o de lhes levar, em cada dia, todas as refeições e demais objectos indispensáveis. É uma dúzia de quilómetros que nos separam por uma estrada esburacada, entremeada com

várias paragens para as boleias que nos vão sendo pedidas. O Hospital, para além do pessoal médico e da cama, nada mais tem para oferecer aos seus utentes.

Contando nós com três possuidores de carta de condução, tivemos a graça de nunca termos tido simultaneamente mais de dois deles doentes. Ora uns, ora outros, graças a Deus nunca faltou um condutor para fazer os recados do dia.

Um apelo

Como resultado desta experiência, fica o nosso olhar compadecido pelo sofrimento desta gente e a certeza de que algo é possível fazer para minorar as carências que em parte o provocam, aqui, os medicamentos.

E sabemos que esta dor faz nascer o amor no teu coração. Por isso te indicamos, de seguida, uma pista que te ajudará a dar-lhe vida:

Ampicilina (cápsulas, ampolas, xarope); co-trimoxazol (bactrim) (comprimidos, suspensão); cloranfenicol (cápsulas, suspensão, ampolas); clo-roquina (ampolas, comprimidos); quinino (ampolas, comprimidos); complexo B (ampolas, comprimidos); fansidar (comprimidos); tetracyclina (cápsulas); gentamicina (ampolas); penicilina procaína (ampolas); streptomycin (ampolas);

rifampicin (cápsulas); isoniazida (comprimidos); pyrazinamide (comprimidos); voltaren (comprimidos); xaropes anti-tússicos; cálcio (ampolas); paracetamol (comprimidos); buscopam (ampolas); novamina (ampolas); metronidazol (comprimidos); mebendazol (comprimidos); hidrocortizona (ampolas); prednisolone (comprimidos); digoxin (comprimidos); furosemida ou laxis (ampolas); primperan (meto clopramide) (ampolas); espiralona clona (espiranola); vitaminas B1, B2, B6 e B12 (ampolas); aspirina (ampolas, comprimidos); soros dextrose 5%; água oxigenada.

Resta dizer que deverão ter prazo de validade dilatado e que os faremos chegar aqui, a esta cidade angolana de Malanje, no próximo contentor que de Portugal para cá enviarmos. Normalmente sai de Paço de Sousa.

As gotinhas podem começar a se juntar para formar os pequenos riachos que lá irão desaguar. Depois, o mar as fará chegar...

* * *

Benguela

«*Dê-me ao menos cem mil!*», pede o rapaz, sentado no chão, barriga cheia pela fome, olhos desesperados... De bom grado lhe daria milhões. Tudo o que trazia comigo. Mas, e depois?

Noutras ocasiões, outros ainda crianças, aproximam-se do carro quando esperamos no interior que se avie um recado. A sua cantilena, habitualmente, não nos toca porque montada, estudada. Enche-nos os ouvidos e a razão entende-a... «*Amigo, amigo, amigo...*» repetido vezes sem conta nem

intervalo até que o carro arranque ou que aquilo que lhes dizemos os convença de que é inútil insistir; nada acrescenta àquilo que a realidade nos evidencia. É a pobreza generalizada.

Agora vinha da praça de Benguela, mercado paralelo de todo o tipo de mercadorias, feira à maneira africana, quando me cruzei com o miúdo dos cem mil. Fora à procura de uma peça que no comércio não existia. Já não era a primeira nem a segunda vez que passava na dita praça. Agora, porém, porque entrei um pouco mais nela, fez-me sofrer o que vi. É no pó e no lixo e no mau cheiro que as pessoas se movimentam e estão ao longo de horas e dias a vender os seus produtos o que me causa esta dor. Mas porque hei-de ficar triste se não as vejo tristes?...

«*Dê-me ao menos cem mil!*» — pedia o equivalente a dois escudos portugueses! E para comprar um pequeno pão precisa de quinhentos mil! Quantas pessoas em Portugal dariam importância a tal quantia?

Fizemos o regresso a nossa Casa pela rua central da cidade, rua principal de entrada e saída da mesma. Grupo de mulheres e crianças varrem-na apressadamente enquanto vão apanhando grãos de milho que algum camião ali deixara cair ocasionalmente ou por forma provocada. Gente debruçada a apanhar alguns grãos para seu sustento...

Quantas toneladas de alimentos se estragam e se deitam ao lixo diariamente em Portugal por razões comerciais ou excessiva fartura?

«*Dê-me ao menos cem mil!*» Não te dei os cem mil. Mas dava-me por ti!

Chegamos a Casa. Alguns dos nossos em tempo de brincadeira. Outros tirando dúvidas dos seus estudos. Algazarra.

«*Não tenho ouro nem prata*», mas tenho amor! E isso quero dar-te, rapaz dos cem mil!

Padre Júlio

FUTEBOL — Precisamos de jogar futebol. Mas, para isso, temos que arranjar adversários. Alguns há, só de tempos a tempos. Para que as coisas mudem, telefonem ou escrevam. Mas, venham jogar conosco.

No dia 15 de Outubro tivemos um jogo contra uma equipa que entra no torneio do Inatel. Ganhámos por 8-0.

Estamos a modificar o plantel, dando oportunidade aos mais novos. Para que estes comecem a adaptar-se ao futebol dos mais velhos. E têm respondido muito bem quando solicitados.

Eduardo Manuel Graça Seixas

BENGUELA

FUTEBOL — No dia 12 de Setembro fomos jogar com uma equipa muito forte. Perdemos devido ao árbitro que influenciou a nossa derrota. Assim ficou: 4-2. Quando chegámos a Casa não tivemos coragem de dizer a verdade ao nosso Padre Manuel António, especialmente eu — como organizador da equipa. Finalmente as coisas acabaram por ser descobertas...

António Góia

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A nossa Conferência tem sido frequentemente solicitada para acorrer a diversas situações de aflição, às quais nem sempre podemos corresponder por serem bastante graves. Uma vez por falta de meios humanos, outras por falta de meios materiais.

Ultimamente, bateu-nos à porta um caso que consideramos bastante grave e que se

vem repetindo com muita frequência. Trata-se de uma senhora cancerosa. O companheiro, com quem ela vivia, tem três filhos de outra mulher. Logo que soube da situação, abandonou-a com um filhinho nos braços acabado de nascer.

Há dias, fomos também chamados para um caso idêntico, embora sem filhos. Ela a viver sozinha, acamada, também cancerosa, com o corpo cheio de chagas. Ele, casado, assim que soube da situação, abandonou-a. Ela foi, há pouco, visitada pela mãe e uma amiga que se diz enfermeira. Obrigaram-na a levantar-se e a andar para fazer a vida da casa, porque, disseram, aquilo era manha. Valeu-lhe uma senhora que vem olhando por ela, que a encontrou no chão e com o corpo gelado.

Como é possível, hoje, haver seres humanos a tratar o seu semelhante desta maneira?! Porque será que há tanto egoísmo? Onde está a apreço da solidariedade?

Tal como fazemos com as máquinas que usamos e quando se estragam, deitamos-las numa lixeira, assim fazemos com o ser humano.

Só que se esquece, ou não se sabe que é ao próprio Cristo que estamos a abandonar. Ou então é o resultado dos que, andando sem Deus, lhes restam apenas quatro caminhos: para uns, o da solidão; para outros, o da fome; outros ainda, o da bestialidade; e para outros também, o mais desprezível, os que adoram a criatura em lugar de adorar o Deus vivo e verdadeiro.

Esquecemo-nos do que o Profeta Amós, há pouco, nos dizia: «*Vós que vos dais à vida dissoluta, ireis para o exílio*».

Nota-se, infelizmente, que o homem cada vez tem menos respeito pelo ser humano. Apenas existe o eu e só eu. Existe, isso sim, muita falta de amor sincero.

Não pensamos que àqueles a quem abandonamos, precisamente na hora em que mais precisamos, muito custa a viver e

permanecer neste mundo de amarguras e angústias. Mas amanhã, ou dentro de uma hora, chegam ao porto de Salvação. Que felicidade então elas sentem! Que alegria ao contemplar Deus face a face por toda a Eternidade! Ai, sim, sempre mais e mais amor.

Vimos ainda, há dias, como o rico desejava que Lázaro lhe fosse molhar os lábios com a ponta dos dedos. O rico que nem sequer se dignava deitar um olhar de compaixão ao pobre Lázaro, que jazia à sua porta, coberto de chagas.

Vimos também como, no Céu, cada um receberá de Deus os louvores que merecer e aquele que tiver sido na terra o mais pobre e esquecido, pelo amor de Deus, esse será o primeiro, o mais nobre, o mais rico.

Aí, então, já não lhe fará falta o amor interessado do ser humano.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Recebemos de Maria Helena, do Porto, com as desculpas do atraso, um cheque de 10.000\$00. De uma assinante, que se diz Joaquina, do Padrão da Légua, uma carta em que nos dá conta de diversa partilha, sendo uma de 10.000\$00 para a nossa Conferência. Da assinante 56964, 3.000\$00. Mais 5.000\$00, com uma mensagem e um «bem hajam. A melhor maneira de agradecer a Deus é ajudar os mais necessitados». Da assinante 6650, 2.000\$00. De Carminda, do Porto, 10.000\$00. Maria Fernanda, para os meses de Agosto e Setembro, 5.000\$00. Vale, de 5.000\$00, de Idalina. Maria Marques, também um vale de 10.000\$00. Por último, José, do Porto, com 10.000\$00.

A todos o nosso muito obrigado. E que Pai Américo, lá do Céu, interceda por vós junto de Deus, nosso Pai.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato do Porto — Rua de D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Uma experiência feliz

Compartimentos estanques desperdiçam oportunidades

FOI a primeira vez que tal experiência nos aconteceu: um Objector de Consciência esteve conosco uns meses cumprindo o seu serviço cívico e, que pena!, o tempo acabou.

Dada a sua preparação — licenciado a exercer o seu múnus numa Escola Secundária — e dada a sua generosa disponibilidade, pensámos em ocupá-lo na nossa Casa de Benguela, onde a Escola atingiu já uma dimensão considerável a pedir um coordenador que actuasse sobretudo a nível de organização e em apoio aos Professores. Tal não foi possível porque, embora haja uma Secretaria de Estado da Cooperação que estimará, julgo eu, a oferta de cooperadores, o regulamento do Serviço Cívico não permite que ele seja prestado fora do País. Nem mesmo arcando a Obra com as despesas da sua deslocação, nem se exigindo nada mais em termos de regalias — não foi possível mesmo. Que prejuízo os Serviços do Estado viverem de costas

voltadas, em compartimentos estanques, e assim se desperdiçarem oportunidades como esta e logo em área da Escola onde a presença portuguesa é tão necessária e urgente à preservação da Língua e da Cultura! E que pena me dá, ver por aí tantos jovens Professores em regime de tarefas, sem proventos nem horizonte — e não ver instituído e fomentado um estímulos para que vão dar vida à sua profissão nesses novos países de língua portuguesa, onde a sua função seria missão de interesse para todos os que constituem a Comunidade lusófona!

Temos, presentemente, duas professoras interessadas nesta missão, gastando horas livres no conhecimento da realidade africana para que, mais conscientes, possam começar já no próximo ano lectivo. A nossa Casa de Malanje poderia ser a sede da sua actividade... Elas e nós contamos com muitas dificuldades a vencer. Deus permita que consigamos vencê-las.

Pois o nosso Objector de Consciência, fechado o acesso a Benguela, cumpriu aqui o seu Serviço Cívico e

deixa-nos uma grande saudade. Para além da acção desenvolvida na área escolar e da ordem posta na nossa biblioteca, o mais importante foi ainda o testemunho da sua generosidade e a simplicidade com que sempre se dispôs a ser útil — e foi! — em qualquer serviço, por muito modesto que fosse. Fugindo sempre a qualquer distinção, mergulhou na vida desta Comunidade e foi um exemplo que espero os nossos rapazes tenham percebido e guardem a impressão notada.

E fico a pensar quão saudável não seria a continuidade da sua presença se a pudéssemos institucionalizar a nível da sua carreira de Professor, para o que bastaria a compreensão e a maleabilidade do Ministério da Educação a quem a Obra da Rua gasta tão pouco e dá tanto.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Se o bem não leva a velocidade do mal, é este que ganha.

PAI AMÉRICO

Continuação da página 1.

res. A menina relatou os trâmites que devíamos seguir para que o caso lhe chegasse às mãos: Chamar a Assistente Social, pedir-lhe um relatório, apresentá-lo ao Tribunal e aguardar.

Mas uma criança não pode esperar, não é um objecto que se guarde, nem peça que se não deteriore. E, atalhei, atrapalhando a jovem Curadora:

— Oh, senhora Doutora, é daqui a 200 metros! Não quero lá ir connosco ver, averiguar e testemunhar presencialmente o trágico ambiente humano das crianças?

— O Tribunal não funciona assim, senhor padre!

— É pena!

Um pequenino de dois anos e meio continua à espera da inexplicável injustiça da nossa Justiça

Eu andei 200 km sem ganhar nada, nem ninguém me pagar sequer o almoço e a senhora Doutora não podia

SETÚBAL

andar 200 metros na sua própria terra! É pena!... Foi há seis meses. Tenho comigo os dois irmãos gémeos mais velhinhos. Mas, o pequenino de agora dois anos e meio, lá continua à espera da inexplicável injustiça da nossa Justiça.

Numa cidade vizinha, um caso semelhante resolveu-se em oito dias. Quando dei os parabéns ao Juiz lamentando-me de tantas amarguras e manifestando uma incontida alegria, ouço da sua boca a prova do que há muito eu pensava: — *Sabe, padre, nós temos as melhores leis do mundo nesta matéria, mas, nas mãos de certa gente, na prática, não prestam para nada.*

Quando amanhã os Tribunais desta nação se levantarem para condenar um

malfeitor que eles próprios deviam ter evitado, podendo ter feito um homem de bem e um tronco de virtudes, quando os *media* derem sensacionais notícias do crime e os políticos se acusarem de insegurança, ninguém pensa na génese dos males nem aponta os verdadeiros responsáveis!

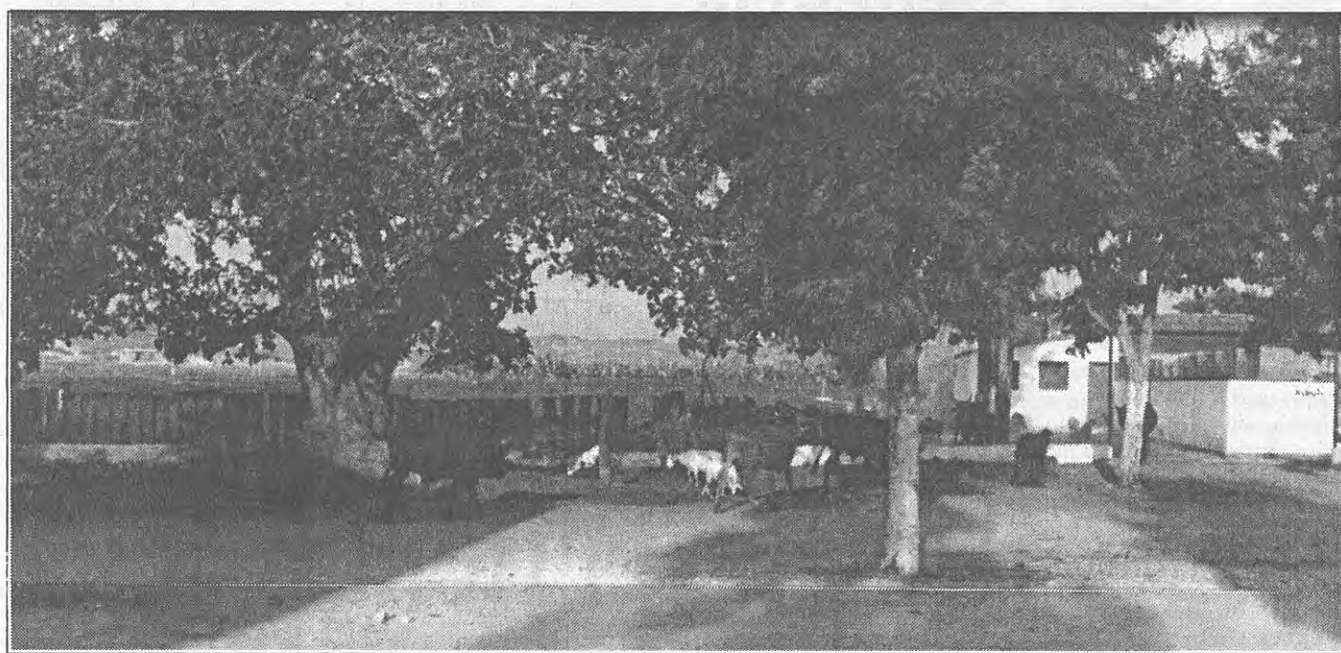
A instalação das pessoas e das estruturas é o inimigo número um da Segurança de hoje, de amanhã. Que os novos governantes e legisladores dêem exemplo de pessoas conscientes, activas e mobilizadoras de Humanidade.

* * *

Os vicentinos de Castelo Branco renovaram a sua peregrinação até esta Casa. Cheios de amor pelos Pobres, carregaram-se de mimos e vieram trazê-los de coração jubiloso!

Lágrimas e alegria inundaram a mesa e o Altar! Aqui a Palavra de Deus é evidente e a Sua Presença palpável. Gente laboriosa e elegantemente humilde deixou-nos também, em dinheiro, 356.297\$00.

Padre Acílio



Um recanto da Casa do Gaiato de Benguela

BENGUELA

A Obra da Rua no coração do Povo

ESTAS notas são escritas num cantinho de Portugal. Vim descansar um pouco, que a missão pede sempre energias novas.

Ao pisar, de novo, a terra que viu nascer a Obra da Rua, senti-me em casa da multidão de Amigos que nos acompanha com verdadeira devoção. É verdade que o amor cristão não conhece barreiras, nem de terras nem de raças. São pessoas portadoras da humanidade que está em cada um. Só por isso têm direito a ser amadas. Pai Américo fez esta sementeira que tem dado frutos abundantes. A Obra da Rua está em Portugal, está em Angola e Moçambique. Está no coração do Povo que a ama como a menina dos seus olhos. Assim tem sido. Por isso, dizemos mais uma vez a palavra que toda a gente entende: Obrigado!

Falei, há pouco tempo,

com um grupo de jovens ansiosos por notícias de Angola. Algo lhes queimava o seu interior. Quando, aparentemente, têm tudo, vivem inquietos. É que este *tudo* não chega, quando é feito de coisas. A pessoa não está feita para as coisas, nem as coisas têm a medida da pessoa. É tão bonita a expressão de Agostinho quando diz: «O meu coração anda inquieto, enquanto não repousa em Ti, Senhor!»

Estou a lembrar-me dum casal que, um dia, veio pedir ajuda para manter o seu lar de pé. Ele e ela não eram felizes. O marido não entendia o porquê da tristeza de sua esposa já que, em seu dizer, dava-lhe tudo o que ela pedia e queria. Quando chegou a hora de falar claro, a mulher afirma: «É verdade que o meu homem dá-me todas as coisas que peço e quero, mas não me dá o mais importante: todo o seu coração». Esta esposa e mãe fala dum compromisso que está no princípio do seu *ser* de mulher e esposa: casamento

com o coração do marido e não com as coisas. Estas vêm por acréscimo. Que resposta e que lição de humanidade e de Teologia!

Sim, as coisas nunca podem encher os corações bons. Na medida em que possuem bens, repartam-nos até ao dom de si mesmos, se a tanto forem chamados. É interessante, no dom gratuito explica-se o crescimento e amadurecimento da pessoa. E, por conseguinte, a sua felicidade, tanto quanto é possível.

Aqueles jovens, pois, buscavam, talvez sem o saberem, o caminho da *solidariedade*. Caminho do autêntico enriquecimento da pessoa. É a sua humanidade incompleta, imperfeita, a clamar pela porção que lhe falta, presente nas crianças, nas mães, no Povo, em geral, que vive na miséria.

Este é o primeiro passo doutros passos importantes que podem levar até ao dom da vida para que tenham vida digna de pessoas os que agora estendem a mão para se erguerem.

Que as coisas, aparentemente fáceis, não abafem e não roubem a riqueza escondida no dom gratuito semeado em cada um.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Continuação da página 1

telefonado a confirmar o pedido da avó, com desejo de ser admitido em nossa Casa. Juntou-se a um grupo, ainda não foi este ano à escola, o pai abandonou a família e vive com outra mulher, tem um irmão mais novo a frequentar escola para surdos-mudos em Lisboa e não se entende com a mãe. Esperamos que mudasse de roupa e seguiu viagem connosco.

Passando por esta região florestal devastada por incêndio recente, fomos parar junto de bairro que andamos a reconstruir. Pareceu-me o bairro mais miserável que encontrei até hoje. A primeira casa está a ficar pronta. A dona, mãe de muitos filhos, implorou: — *Eu só queria este quartinho fechado. É o nosso. Os meus filhos continuam a querer dormir num monte.* E apontou-nos o canto cheio de farrapos onde eles continuam a dormir. Mais acima vive a mãe velhinha com um irmão. Ele é doente físico e psíquico. Estava acorçado na terra, no recinto

DOCTRINA



Os Pobres são amigos dos Pobres

NUM dos últimos dias da semana finda, dirigi meus passos a um pequenino bairro pobre, instalado entre oliveiras num cabeço da cidade; e topei ali dois pequenos na casa dos oito e dos dez, aninhados num monte de palha, dentro das paredes dum casebre destelhado.

— *A nossa mãe morreu no hospital e a gente dormimos aqui.*

Uma mulher do lugar tomou conta dos garotos e dá-lhes de comer com enorme sacrifício: — *Só tenho sete mil réis da reforma do meu marido.*

SENTEI-ME na palha mais eles a ouvir as palavras daquela mulher, envergonhado de ter feito tão pouco, eu, com mais recursos do que ela! Tu não tens tempo de procurar casos assim, ocupado como andas no lidar da tua vida; mas tens um coração onde tudo vai bater, capaz de gozar e de sofrer a sorte dos outros — sofrer a destas criancinhas.

ELE não haveria mal nenhum nem seria injuriar ninguém, o dormir destes garotos sobre palha de centeio, se não fora os brocados onde outras crianças dormem, sem se considerar palhas nem penas alheias. Não se sabe quem trouxe ao mundo a doutrina de que uns nascem para baqueta e outros para tambor; sendo mais provável que ninguém na ensinou, antes cada um a faz e toma para si. E tão fundas raízes tem esta doutrina lançada no seio da Humanidade, pelo bem que sabe e uso que tem, que somente em nossos dias com brutais lições de guerras se começa a ver que não está certo e até se fala pra'í em uma nova ordem de coisas. A qual ordem, a ter de vir, não será com certeza a última palavra enquanto for, como está sendo, disputada e não concordada.

SE realmente se procura melhorar a sorte dos homens dentro de nova ordem social, os dirigentes do Mundo deveriam começar por se unirem entre si e depois ditar — para assim haver Ordem. «Tudo quanto for plantado fora e longe da vinha de Meu Pai, será destruído, porque quem não semeia co'Migo, desperdiça» — e que desperdiçar! Eu não procuro nunca, nesta nota de semana, ser sublime ou persuasivo, mas sim somente pregar o Evangelho a todas as criaturas — o Evangelho do Pobre.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

interior. A velhinha desabafou: — *Este meu irmãozinho foi a minha mãezinha, Deus a tenha no Seu Santo Reino, que me pediu para nunca o abandonar.* Apontou a cozinha com panela ao lume e um pouco de feijão verde ao lado, muito esburacada e telhado roto, pedindo também o conserto do chão do quarto que está já sem conserto. Estas famílias não sabem o que é um quartinho de banho. Há montes de miséria em toda aquela encosta. Temos prometido sempre a nossa ajuda, mas as obras andam com muita lentidão. Procuramos não perder a esperança e que eles também a não percam.

Era já noite e rumámos a cidade vizinha onde familiares nos serviram jantar. Regressámos a casa com muitas impressões e com o desabafo daquele pai de muitos filhos, sem casa para habitar, que animava a esposa: — *Deixa lá, mulher, todos se hão-de criar; temo-los nós, já que os ricos os não querem.*

Padre Horácio